

RELATÓRIO SOBRE OS TAPIRIS APREENDIDOS LOCALIZADOS ENTRE OS
OS RIOS BRANCO E MADEIRINHA, MUNICÍPIO DE ARIPUANÃ - MT

Designados pela Portaria nº 1938 de 20/4/76, partíram de Brasília no dia 26/9 os servidores Sydney Serrano, Técnico, Assessor da SUPEX, Coordenador do Grupo de Trabalho, Alceu Sobin Mariz, Antropólogo/AESP, e Manoel Barbosa Filho, Engenheiro Cartógrafo/SPI, à cidade de Porto Velho, RO para, após contato com a 8ª Delegacia Regional, deslocarem-se a Ji-Paraná para se encontrarem com o quarto integrante do grupo, o indigenista e membro da OPAN João Carlos de Souza Lobato, com a finalidade de executarem os trabalhos em campo.

Em Porto Velho, durante os dias 26 e 27/9, procedemos algumas compras, foi mantido contato telefônico com o membro da OPAN e conseguido apoio da Delegacia, assim manifestado:

- 1- cessão de um rádiotransmissor portátil;
- 2- incorporação do auxiliar de sertanista Jorge Luís Marafija Leal, que se encarregou de selecionar índios para acompanhar o GT, na qualidade de auxiliares;
- 3- cessão da Kombi para conduzir a equipe até a cidade de Ji-Paraná, tendo em vista o deslocamento da referida viatura para Riozinho onde iria passar a servir. A viagem realizou-se no dia 28/9.
- 4- cessão da aeronave Islander para o transporte da equipe e seu equipamento para a Sede Central, interior da Fazenda Mudança, no dia 2/10.

Em Ji-Paraná, enquanto aguardávamos a aeronave, e já então incorporado o membro da OPAN, demos seguimento a outras providências.

Por razões de um apoio médico, fundamental pela natureza de nosso trabalho, foi ingressada na equipe a Doutora Marise Oliveira Fonseca, lotada na Unidade Médica Regional de Ji-Paraná e que, sem ônus para a FUNAI, prontificou-se a acompanhar o grupo.

O membro da equipe, Jorge Marafija, por sua vez, selecionou os seguintes índios para integrarem o GT: Carlos Arara e Mario Jorge Arara; José Carlos Gavião, Manoel Gavião e João Zelito Gavião.

Procedemos então a todas as compras necessárias ao grupo, agora com onze elementos, para uma estadia aproximada de vinte dias em campo.

Mantivemos também contato com o gerente da Fazenda Mudança, Sr. José de Oliveira em sua residência onde descreveu sucintamente o roteiro e as instalações da fazenda. Abordou também o problema epidemiológica dos índios na área, explicando que os mesmos já apareceram bastante perto da Fazenda Mudança - onde João Carlos Lobato já estivera em setembro do ano passado - como também nas sedes Central e Madeirinha. Poder-se-ia constatar a presença de seus tapiris já

anf

[Assinatura]

nas proximidades.

Por último, externou-se sobre a permanência em sua casa da índia Rita, ali presente na hora, e membro do Grupo Indígena em questão: disse-nos ele que, certa vez, no primeiro semestre de 1983, ao andar a cavalo pela Estrada do Mutum, encontrou-a sozinha na mata, acuada pelos cachorros. Rita não teria desejado voltar para seu grupo e sim acompanhar o gerente, motivo pelo qual a teria trazido para a sede da fazenda, dando-lhe roupa e alimentação. Dois anos após, devido ao recrudes cimento de atritos entre os trabalhadores por sua presença na fazenda, resolveu le vá-la para sua residência em Ji-Paraná onde aguarda solução legal.

Rita - que ainda não se expressa bem em Português - soube-nos expli - car, porém, que já teve dois filhos, tendo um morto por doença e outro morto por seu irmão; que seu pai se separara da mãe e seguira pela mata em rumo ignorado. Per guntada se queria voltar para os parentes ou mesmo acompanhar nosso grupo na via- gem a campo, recusou-se. Rita falou ainda, contando pelos dedos, que seriam sete os seus parentes, o que não quer dizer que sejam apenas estes os integrantes do grupo e nem que seja só este o único grupo habitante da região. Por último, indicou a direção aproximada, pelo sol, onde seus parentes poderiam estar.

Finalmente, com tudo pronto na tarde do dia 12/10, chegou a aeronave da FUNAI que, na manhã do dia seguinte, 02/10, transportou em duas viagens, toda a equipe de Ji-Paraná para a sede Central, pertencente à Fazenda Mudança.

Esta sede faz parte do complexo da Fazenda Mudança, que se subdivide em três partes: a sede da Fazenda Mudança propriamente, que fica a sudeste, pela mar gem esquerda do rio Branco; a sede Madeirinha, localizada a noroeste, na margem es querda do Igarapé do Veado, afluente do Madeirinha; finalmente, a sede Central, lo calizada no interior da área.

A sede Central é composta por uma pista de pouso de oitocentos metros e cinco casas de madeira com cobertura de zinco, além de uma outra que foi queima- da por acidente pelos índios quando em passagem pelo local.

Estas casas foram erguidas ao tempo da Empresa de Mineração Aripuanã Ltda (EMAL), que no período de 1972 a 1976 ali esteve em atividades de prospecção de cassiterita, porém, sem resultados positivos. Após a retirada da empresa, a fa zenda ainda aproveitou por algum tempo suas instalações para tentar desenvolver a criação de gado bovino, construindo algumas invernadas. Entretanto, tal atividade somente foi mantida até 1978, ficando apenas um ou dois empregados tomando conta, até que também foram retirados em 1982, quando desde então, as instalações permane- cem em total abandono. Algumas ferramentas, entre foices e machados, foram deixa- das, o que acreditamos serem aproveitadas pelos índios quando em passagem pelo local.

Da sede da Fazenda Mudança até a Madeirinha, passando pela Central, fo

Quif

[Assinatura]

ra aberta na época da mineração, uma estrada, mas pelo desuso posterior, já está completamente fechada, sendo necessário munir-se de facão para transitar-se a pé.

Uma outra estrada, a do Mulum, que foi aberta no rumo da pista do mesmo nome e da vizinha Fazenda Castanhal (a sudoeste), continua em uso, porém, só dando acesso a pé ou a cavalo, servindo hoje mais como passagem de tropeiros para a Fazenda Concisa, a nordeste, na margem direita do rio Roosevelt. Tanto a Fazenda Castanhal como a Concisa acham-se em plena atividade. Já se chega regularmente de carro, vindo-se de Ji-Paraná, até a Fazenda Castanhal onde, como já é fato na área norte da Concisa, há planos para desenvolver uma cidade.

A topografia da área por nós percorrida é a de um suave platô rodeado de pequenos morros, assumindo papel de divisor de águas. Vários igarapés nascem assim nas proximidades, correndo em diferentes direções. (v. Mapa).

Na manhã seguinte após nossa chegada já estava instalada a radiofonia. Em seguida, visando estabelecer contato com o grupo indígena, segundo os objetivos da missão, foram logo nos dias imediatos, procedidas as primeiras tentativas com esta finalidade. Assim, nos dias 03, 04 e 05/10, Jorge Luís Marafiga, acompanhado dos índios auxiliares, reconheceram a periferia, principalmente no sentido nordeste em cuja direção pressupusemos que Rita indicara a presença do grupo. Nada foi encontrado.

Para um melhor conhecimento, foi realizada então uma expedição entre os dias 06 e 09/10 no sentido nordeste, integrada pelos membros Sydney Poguelo, Jorge Marafiga, João Lobato e os índios Mário Jorge Carlos e José Carlos, a uma distância aproximada de dezoito quilômetros. Também nenhum vestígio de presença indígena foi encontrado.

Neste meio tempo iniciou-se o período de pesados aguaceiros, já se tornando diários e comprometendo a continuidade dos trabalhos, por já dificultar longas viagens pela mata, com acampamento.

Procedemos entretanto mais uma entrada na floresta, entre os dias 12 e 14/10, partindo da Central no rumo do Igarapé Repartimento, seguindo seu curso à jusante até uma distância aproximada de nove quilômetros. Participaram os membros Alceu Cotia, Manoel Barbosa, Jorge Marafiga, Marise Fonseca e os índios Mário Jorge, Manoel e José Carlos.

Neste percurso foram finalmente encontrados vestígios concretos da presença indígena na área: dois tapiris pela margem direita, a aproximadamente três quilômetros da pista e, quase no extremo do percurso, encontramos, pela margem direita, uma grande castanheira derrubada a machado, cercada na base por um jirau para dar altura de corte no tronco, e tendo ao lado um cabo de machado abandonado. Logo adiante havia também um babaçu cortado a machado. Pouco mais a

que
Poguelo

frente, pela margem esquerda do igarapé, encontram-se numa clareira, três tapiris.

Os dois tapiris anteriormente encontrados são erguidos aproveitando-se árvores vivas como esteios principais, com as varas horizontais amarradas com envira, e cobertura com folhas de palmeiras em forma retangular. Os três últimos tapiris, da clareira, são de uma só água até o chão. Em ambos os casos as construções são ligeiras, comumente usadas por índios arredios em seus acampamentos.

Ambas as incursões pela mata foram efetuadas através da abertura de picadas a facão.

Constatados os primeiros vestígios, mas enfrentando dificuldades crescentes para caminhadas longas pelas fortes chuvas e, por outro lado, já dispondo de dados que indicavam a existência da presença indígena pelo lado da Fazenda Mudança, foi decidida a transferência de nossas operações para esta sede. Solicitada uma aeronave particular à Delegacia Regional, foi enviada uma, fretada a partir de Ji-Paraná, e que procedeu o transporte para a Fazenda Mudança em três viagens, na tarde do dia 14/10.

A sede da Fazenda Mudança, situada na margem esquerda do rio Branco, dispõe-se num conjunto de cinco construções de madeira e zinco no ponto mais alto, a cerca de um quilômetro da margem do rio, ao lado da pista de pouso de oitocentos metros. A cerca de meio quilômetro para o interior, foi construído um açude. A área desmatada, beneficiada como invernadas, plantadas em capim colônio, aproxima-se de setecentos e cinquenta hectares. Entretanto, apenas dez cabeças de gado em média ali vivem.

Finalmente, próximo à margem do rio, existem outras duas construções de madeira e zinco, uma como cozinha e outra, maior, como alojamento para redes. Nestas casas nos instalamos, recomendados pelo Sr. José Sampaio da Silva que, na ausência do gerente, dirige os trabalhos de conservação da fazenda, quase restritos a uma simples vigilância, já que todas as atividades econômicas, outrora dinâmicas, estão paralizadas. Estava também com ele trabalhando há dois meses o Sr. Luís Marques de Figueiredo.

Logo pela manhã do dia 15/10 procedemos uma caminhada pela Estrada do Mutum, numa distância de nove a dez quilômetros, até encontrarmos, na altura do sexto igarapé que corta a estrada, um tapiri de forma retangular, já meio derrubado pelas tormentas, mas com todas as partes intactas. Foi a primeira prova obtida, por este lado, indicativa da presença indígena.

Seguindo também indicações de trabalhadores antigos da Fazenda Concisa em passagem pela região sobre a presença de índios na estrada para a Fazenda Central, resolvemos empreender caminhada também nesta direção, o que foi feito no dia 18/10.

Paulo
Paulo

A estrada, bem mais fechada por falta de uso, segue rumo noroeste. Também neste trecho foram encontradas provas da presença indígena: caminhados os primeiros três quilômetros da sede da fazenda, logo após a entrada na mata, foi encontrada uma árvore derrubada a machado, provavelmente para a retirada de mel de abelhas. Em sua base também foi construído um jirau armado com enxada para dar altura de corte no tronco. Pouco depois, próximo a um igarapé, localizamos um tapiri em ótimo estado, de forma retangular. Mais adiante foram encontrados outros dois tapiris, estes mais antigos.

Com todos estes dados encontrados nas diversas caminhadas empreendidas, dois fatos parecem delimitados:

- 1ª) que está comprovada até aqui a presença indígena no trecho entre a sede da fazenda Mudança e a sede Central;
- 2ª) que, pelas características semelhantes encontradas nos tapiris e demais vestígios localizados em ambas as regiões, tanto em termos de forma como de quantidade, tudo indica tratar-se do mesmo grupo indígena.

Temos ainda a considerar informações de outras pessoas moradoras e / ou conhecedoras da região :

Seringueiros habitantes da margem direita do rio Branco, mas cujas estradas de seringueiras e roças frequentemente se localizam na margem esquerda, afirmam que os índios, às vezes, ali aparecem (v. mapa).

Tropeiros em trânsito afirmaram já havê-los encontrados na Pista do Mutum, no limite sul da Fazenda Mudança.

Pilotos de pequenas aeronaves que sobrevoam a região também se referem à presença de índios na sede da Fazenda Santa ^Maria, localizada no Igarapé Santa Rosa.

O próprio gerente da Fazenda Mudança, José de Oliveira, como já foi citado, também informou sobre a presença do grupo indígena na sede Madeirinha, no extremo noroeste.

Segundo informações da Índia Rita, um dos membros do grupo, que se refere ao Igarapé Tiririca, ao norte (v. mapa) como sendo "KARINTEXIA", dando-lhe assim destaque especial, ao contrário dos demais igarapés, deduzimos ser aquela área de valor histórico significativo para o grupo, razão pela qual também lhe devemos atribuir importância de estudo.

Já nos referimos anteriormente que os termos da Portaria Executiva determinam o desenvolvimento de estudos objetivando consolidar o contato com o grupo indígena e proceder a identificação de seu habitat, delimitando a área.

Deu
Rosa

No primeiro caso, o contato depende evidentemente de duas hipóteses:

- 1ª) do aparecimento do grupo indígena onde a equipe estivesse localizada, o que poderia ocorrer em alguns dias ou levar até meses;
- 2ª) através de prolongadas expedições pela selva para tentar localizar o grupo o que, por sua vez, é impraticável nesta época de chuvas.

A segunda parte (delimitação), de certa forma, está vinculada à primeira, pois parece-nos que, sendo um grupo não belicoso, que frequenta fazendas, é possível estreitar-se um relacionamento que permita ao referido grupo indígena manifestar seu desejo de ver preservada uma área a seu gosto que atenda bem às suas necessidades. Mesmo porque os únicos casos em que se define uma área à revelia dos seus ocupantes é quando se trata de grupo arremido e belicoso, com o qual seja impossível o diálogo e exista assim a necessidade premente de sua interdição para que uma frente de atração, exercendo um mínimo de autoridade sobre a área, possa controlar a região abrangida. Evidentemente não é este o nosso caso, pois os índios aqui habitantes, embora isolados, são pacíficos e mantêm contato intermitente com as diversas sedes de fazendas da região.

Segundo informações da própria Rita, o seu grupo tem roças de mandioca, batata, cará e algodão, possuindo também casas na qualidade de abrigo permanente. Acreditamos assim que a região onde estejam localizadas suas malocas e roças constitua-se hoje no centro de seu universo.

RESUMO HISTÓRICO :

Para não tornar este relatório muito longo e repetitivo, tendo em vista que João Carlos de Souza Lobato, um dos membros da equipe, já escrevera relatório anterior e recente sobre a área (Processo nº 002.058/85), cabe lembrar do mesmo o desenvolvimento dos itens sobre o histórico tanto das atividades econômicas da Sociedade Nacional na área (páginas 03 a 06), como o da ocupação indígena (páginas 06 a 10).

Vimos acrescentar uma citação de Nimuendaju em seu relatório "AS TRIBOS DO ALTO MADEIRA", 1925, sobre os índios NTOCAPID, segundo a qual ficava reconhecida a região do rio Madeirinha como área de ocupação indígena.

Dizia ele:

" Em 1921 encontrei em casa do inspector dos indios de Farnos duas crianças de uma tribo da qual nem o nome sequer figura em publicação alguma "

Amf

Rita

Esta tribo dos NTOCAPID ou INTOCAPID habita na região superior do Madeirinha ,
affluente da margem esquerda do Rio Castanha ou Roosevelt, onde o Serviço de
Proteção aos Índios mantém no meio della um posto. Relativo á sua história a-
chei no archivo daquella inspectoría, sómente uma carta do encarregado do posto,
communicando em 1920 que peruanos vindos do lado do rio Machado tinham destruí
do no anno anterior as malocas Ité-bemã e Macaha-ku dos "ito-puhs", matando mais
de 50 indios, e que agora os mesmos peruanos estavam guerreando as malocas dos
auas Inakiretone, Patonema e Canamãma, destruindo tudo. Pelas optimas photogra-
phias que desta tribo possui aquella repartição, parece-me possível em parentes-
co della com os Urumi do Rio Tarumã, affluente da margem direita do Rio Machado
(XXIX, 353). As poucas palavras que contem o meu vocabulario foram as unicas
de que os meus pequenos informantes ainda guardavam lembrança. Apesar de ser o
material mais que deficiente para uma comparação, torna-se evidente a identida-
de linguistica dos NTOCAPID e dos Rama-Rama, tribo esta quasi extincta, habitan-
te do Rio Machadinho, affluente da margem esquerda do Machado, e de cuja lingua
o Capitão Nicolau Horta Barboza no seu relatório citado (XXV,25) dá uma lista
de 15 palavras ."

Os NTOCAPID não são do mesmo tronco linguístico do grupo em ques-
tão, mas a citação acima tem a finalidade de demonstrar como, de uma forma ou ou-
tra, esta região SEMPRE foi de ocupação imemorial indígena, do passado ao pre-
sente.

Com relação ao item sobre a expansão econômica na área, cumpre-nos
também alertar para o iminente perigo que representa o chamado Projeto Fanelas,
situado na margem esquerda do rio Roosevelt, onde se fundou recentemente a cida-
de Filinto Muller, com a presença pessoal do Governador Júlio Campos, de Mato
Grosso. Trata-se de um ambicioso plano de colonização promovido pelo governo es-
tadual que prevê, abrangendo a parte urbana e rural, uma área aproximada de
três milhões de hectares que serão divididos em lotes variando de cem a três mil
hectares.

O patrono deste projeto é o Sr. Clizógono Rosa da Cruz - conhecido
por "Zoguinho" - que no início dos anos setenta, desmatou uma área de noventa
quilômetros ao longo da margem esquerda do rio Roosevelt para impedir que serin-
gueiros trabalhassem em suas terras (Fazenda Concisa - v. mapa)

Pela extensão e pretense alcance do projeto, já em desenvolvimento
na região, conclui-se sobre o risco de que esta expansão atinja a própria área
de ocupação indígena.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Depois de cuidadosa análise da situação, verificamos que seria ho-
je prematuro arriscar proposta de delimitação de uma área para este grupo indí-

anf *[assinatura]*

gena do qual ainda não sabemos nem onde se localizam suas roças e malocas, já que as referências indicam uma região muito vasta por eles percorrida.

Que a área em questão é indígena podemos já afirmar com absoluta certeza, pois contamos com informações de uma pessoa do próprio grupo indígena (Rita), do gerente da fazenda, de pilotos conhecedores da região, de trabalhadores e moradores locais, além do próprio membro da equipe João Lobato, que esteve na área ano passado, chegando a manter algum contato com outro integrante do grupo Indígena. Os vestígios por nós encontrados nas incursões pela mata, por outro lado, reforçam nossa convicção de tratar-se de área habitada por grupo indígena, havendo possibilidade da existência de mais de um grupo.

CONCLUSÕES :

Diante do exposto, chega o grupo às seguintes conclusões:

- A) A área é indígena, nela habitando com certeza um grupo, com a possibilidade da existência de outro.
- B) Face à insuficiência de dados, não obstante os vestígios encontrados, o GT, considerando fundamental que a proposição de delimitação seja efetuada de forma a mais precisa possível, julga indispensável o prosseguimento dos trabalhos de campo, conforme proposta a seguir.
- C) A delimitação da área seja efetuada imediatamente após a conclusão dos trabalhos de campo.

PROPOSIÇÕES :

- 1) Continuação dos trabalhos, sob a orientação do indigenista da OPAN João Carlos de Souza Lobato que permanecerá na área com alguns índios intérpretes, objetivando o contato e a coleta de subsídios que julgar indispensáveis. Contará para tanto com o apoio da 8ª Delegacia Regional.
- 2) Estender, para efeito de resguardo do território indígena, até a altura do Igarapé Tiririca (ao norte) e a sudoeste da Fazenda Mudança (v. mapa), a área onde não deverão ser concedidas, a qualquer título, autorizações de projetos agro-pecuários, extrativistas ou de qualquer natureza, até que, mantido o contato com o (s) grupo (s) indígena (s), sejam aprovados os limites da Reserva.

Aut
João Carlos de Souza Lobato

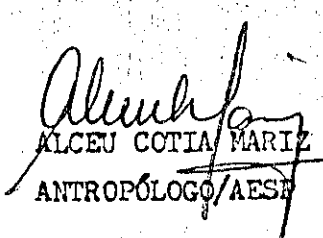
OBSERVAÇÃO :

O indigenista João Carlos de Souza Lobato, membro da OPAN, haven do participado dos trabalhos de campo e da elaboração do presente relatório , por discordar da não delimitação imediata da área indígena conforme sua proposta contida no Processo nº 28 870.002058/85 , solicitou ao GT a inclusão no presente relatório do trecho de sua lavra que se segue:


" Não obstante os considerandos mencionados, respaldados pelo consenso majoritário do GT que acha prematuro qualquer definição oficial sobre a área em questão, o indigenista João Carlos de Souza Lobato, membro da Operação Anchieta (OPAN), dispõe-se a dar continuidade aos trabalhos de campo conforme proposição acima citada. Entretanto, reitera sua proposta anterior, inclusa no Processo nº 002058 de 27/06/85 no que diz respeito aos dados já coligidos e acrescentados pelas informações e novos dados obtidos no presente trabalho, para que a Fundação tome as medidas necessárias e imediatas no sentido de salvaguardar os direitos e interesses desse grupo indígena sobre os limites já propostos, conforme Artigo 198 da Constituição Federal. "

Porto Velho - RO, 22 de outubro de 1985


SYDNEY FERREIRA POSSUELO
COORDENADOR DO GT


ALCEU COTIA MARIZ
ANTROPÓLOGO/AESI


MANOEL BARBOSA FILHO
ENGR CARTÓGRAFO/ DPI


JOÃO CARLOS DE SOUZA LOBATO
INDIGENISTA / OPAN